

## CARTA A LEO

Marcus Vinicius Quiroga  
[marcusvpq@gmail.com.br](mailto:marcusvpq@gmail.com.br)

Primeiro, Leo, me permita este tratamento, privilégio de seus netos – Nino, cara de Pepino, e de Pedro Pedreiro - mas, por favor, não vá me pôr apelidos para justificar o uso de Leo. Sabe, ao me sentar diante do computador para escrever esta carta, lembrei-me de uma noite em que houve um evento sobre poesia portuguesa contemporânea e de que você me apresentava a todos como um jovem poeta. Leo, você não estava totalmente enganado. De fato, naquela noite, há trinta e quatro anos, eu era jovem.

E, antes de iniciar a carta propriamente dita, gostaria de aproveitar que estamos aqui na União Brasileira dos Escritores para sugerir a criação de um prêmio com o seu nome, Leodegário Amarante de Azevedo Filho. Afinal, você recebeu o prêmio Silvio Romero de crítica literária, pelo ensaio “Tasso da Silveira e seu universo poético”; o prêmio José Veríssimo, de ensaio e erudição, por *Anchieta, a idade média e o barroco*; e o prêmio Machado de Assis pelo conjunto de obra. Isto só para nos atermos aos prêmios da Academia Brasileira de Letras. Então, nada mais justo de que venham a fazer um prêmio em homenagem a um autor tão premiado.

Agora, como foram tantas as suas áreas de atuação: língua, linguística, literaturas brasileira e portuguesa, crítica textual...a instituição pode ficar bem à vontade para criar o prêmio com o seu nome. E se a UBE se lembrar de seus estudos sobre Cecília Meireles, Tasso da Silveira, Murilo de Araújo, Ferreira Gullar ou da coleção sobre os poetas modernistas organizada por você, entre outros, e derem o seu nome para um prêmio de poesia, eu até tentaria inscrever um livrinho para quem sabe fazer jus ao “jovem poeta” como você me chamou há mais de 30 anos. Hoje, é claro, tentaria fazer jus ao poeta, não mais ao jovem. E sendo um prêmio com o seu nome, não mediria esforços, copiaria Drummond, Cabral, Gullar, Bandeira, Cecília, Murilo, Stella Leonardos, Luis Gondim...; tentaria até subornar o júri, ou, em última instância, roubaria o troféu das mãos do vencedor e sairia em disparada pelo auditório R. Magalhães Júnior até alcançar a calçada da Presidente Wil-

son e fazer sinal para um táxi. Ou iria direto para o consulado americano, ao lado da academia, e pediria asilo político-literário, depois de tal atentado.

Está bem, Leo, não precisa fazer este ar de reprovação. Admito que exagerei um pouco no parágrafo anterior, mas aprendi com você mesmo que a linguagem às vezes precisa ser enfática, isto é, que a língua oferece recursos estilísticos que o escritor deve usar. Você já se esqueceu do seu ensaio “Guerra da Cal e a Estilística queirosiana”, no qual, entre outras coisas, você mostra o uso da hipálage feito pelo escritor português? Eu não o esqueci e recomendo a leitura para aqueles que hoje pensam que a Estilística é forma ultrapassada de estudo literário. Desconfio que quem diz isto no fundo não sabe o que é uma hipálage. É, Leo, ainda há muitos críticos que fazem uso de canetas rancorosas para escrever artigos em pretensiosos papéis.

Já que mencionei casualmente o Eça, lembrei-me de que você também escreveu “Eça de Queirós e o romance naturalista”, ensaio no qual você faz certas comparações entre Eça de Queirós e Machado de Assis. E já que estamos só nós dois aqui, você era espertinho, hem? Acendia uma vela para o Machado e outra, para o Eça. Em Portugal, dizia que o Machado era o nosso Eça; e no Brasil dizia que o Eça era o Machado deles. Que habilidade! Os conselheiros Acácio e Aires não teriam feito melhor.

Vamos ao texto, que a matéria é vasta e o tempo, pequeno.

Diz lá em seu currículo que você era professor titular da cadeira de Literatura Portuguesa da Universidade Federal do Rio de Janeiro e Professor Emérito da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. E eu digo simplesmente que você era meu professor. Qual é a diferença? É que o fato de você ter sido meu professor é muito mais importante do que ter sido professor titular, emérito, essas coisas. Assim como o rio que passa na minha aldeia é maior do que o Tejo, não é mesmo? Quem mandou me ensinar Fernando Pessoa? Viu só? Tanto não esqueci como soube fazer a inferência. Está rindo, hem? É, o feitiço às vezes se vira contra o feiticeiro.

Se não quiser ter este tipo de problema, da próxima vez vá dar aula de matemática.

O quê? Você quer saber quando é que vou iniciar a carta? Ora, não percebeu que já é a carta que estou lhe escrevendo há algum tempo. Parece que estou fugindo ao tema. Não, Leo, não se trata disto. A propósito, você se lembra daquele soneto do Gregório de Matos, em que todos os versos fazem de conta que não são os próprios versos do soneto. Que tal ouvir uma parte?

Um soneto começo em vosso gabo;  
Contemos esta regra por primeira,  
Já lá vão duas, e esta é a terceira,  
Já este quartetinho está no cabo.

Na quinta torce agora a porca o rabo:  
A sexta vá também desta maneira,  
na sétima entro já com grã canseira,  
E saio dos quartetos muito brabo.

Agora nos tercetos que direi?  
Direi, que vós, Senhor, a mim me honrais,  
Gabando-vos a vós, e eu fico um Rei.

Nesta vida um soneto já ditei,  
Se desta agora escapo, nunca mais;  
Louvado seja Deus, que o acabei.

O que tem o Gregório com a homenagem? Mas que pergunta! Quem foi que estudou *Anchieta e o barroco* ou quem escreveu “Renascimento, Maneirismo e Barroco”? Não diz, não. Deixa que eu dê uma pista para ver se você acerta. Vá lá:

o autor era presidente de honra da Academia de Filologia, depois de ter sido presidente desta instituição por vários anos. Já identificou o autor das obras sobre o Barroco?

AH, VAGAMENTE...

Já iniciei a homenagem há alguns minutos e ainda não me referi a Recife, cidade em que você nasceu e de onde veio para o Rio de Janeiro com dois anos de idade, não é mesmo? Desculpe-me, Leo, mas não farei este tipo de biografia. Escreverei só sobre impressões e sensações, pois não acredito que as pontas da vida se unam. Creio, sim, que elas permaneçam em eterno movimento, como o novelo de linha do poema de Bandeira, para lá e para cá. para lá e para cá.

O quê? Isto não lhe agrada? Até parece que eu o vejo, com um riso discreto no rosto, balançando levemente a cabeça e demonstrando um misto de censura e aprovação.

Um paradoxo? Como um paradoxo? Misto de censura e aprovação é um paradoxo? E não pode? O Camões pode, mas eu não posso. Como é mesmo aquele soneto “amor é fogo que arde sem se ver...”, “um contentamento descontente”, não sei mais. Não me lembro do texto inteiro, mas você conhece o soneto, a sua memória é bem melhor do que a minha. São 13 paradoxos em 14 versos e nem assim ele conseguiu definir o amor. O bardo português podia ser paradoxal, mas eu não. Como que bardo? O Camões? Qual Camões? Não creio no que estou ouvindo! Camões é um só, o Pessoa é que era muitos. Sim, o Pessoa, apesar do singular, era plural; já o Camões, apesar de plural, era singular. Você queria clareza e lógica de nossos patrícios? Francamente, Leo...

Vamos ao que importa. Se você não sabe quem é Camões, eu vou ler para você alguns títulos de estudos sobre o autor de *Os Lusíadas*. Só para se ter uma ideia, houve um só autor que escreveu *O cânone lírico de Camões*, “A lírica de Camões e os problemas dos manuscritos”, “Luís de Camões e a instabilidade da fortuna”, “Luís de Camões: ode ao Conde do Redondo”; *Luís de Camões: 13 imagens e uma poesia*; “*Sobre Camões e Machado de Assis*”; *Camões, o desconcerto do mundo e a estética da utopia*; “*Camões épico, lírico e dramático: problemas ec-*

*dóticos e busca de soluções”;* *Camões: um soneto do corpus possibile – o dia em que eu nasci moura e pereça.*

Não acredito, você está rindo. Agora você me fez de tolo. Usou de um artifício para eu enumerar as suas obras camonianas, quem diria? Bem já que você pediu, que ouça tudo. Está apreciando a minha carta? Sigamos, que a matéria é vasta.

É sabido que a sua edição crítica da lírica de Camões talvez fosse o seu maior projeto como estudioso, tal a importância da obra e a qualidade como vinha sendo feita, editada pela Imprensa Nacional – Casa de Moeda, de Lisboa. Foram publicados os livros: *História, metodologia e corpus; Sonetos; Cancões; Odes, Elegias em tercetos; Oitavas; Éclogas (vol.I)*. Faltou concluir o segundo volume das éclogas; as redondilhas e o glossário, ou seja, dois terços do plano inicial foram concluídos e editados.

Você se lembra que quando você me enviou o livro *Sonetos de Luís de Camões*, eu respondi com um soneto “camoniano”, que você, na sua generosidade, para não dizer leviandade, mandou para o Victor Manuel, o grande crítico português, e que ele mostrou o texto aos herdeiros de Luís Vaz de Camões, os quais me processaram por uso indevido do soneto, malversação das rimas e por ignorância literária, alegando que eu não sabia a distinção entre paródia, estilização e pastiche. Tá achando graça, pois então de vingança vou ler de novo o famigerado poema:

### **FALSA AUTORIA**

Quantos poemas fiz sem autoria  
e a mim atribuídos sem rigor  
Fez-se de tantos um só escritor,  
como se por encanto ou por magia.

Vários foram versões tão inautênticas,

que até eu duvidei de minhas cópias.  
Seria eu um poeta mesmo apócrifo  
ou eram poesias muito idênticas?

Mas crítico houve com melhor critério  
e utilizou o duplo testemunho  
para identificar quais os meus versos.

Método, tão inédito quão sério,  
fixou poemas de meu próprio punho,  
o *corpus* de Camões incontroverso.

Marcus Vinicius Quiroga

Você está rindo?, mas eu agora ainda estaria com problemas na justiça, se não fosse o cônsul de Portugal, Antônio Almeida Lima, testemunhar a meu favor.

E por falar em testemunhar, em uma associação de ideias, eu me lembrei do duplo testemunho que você usou para a edição definitiva da lírica de Camões. Lembra-se de que você partiu dos estudos de Emmanuel Pereira Filho e propôs o critério do duplo testemunho quinhentista incontroverso, com o objetivo de alcançar o *corpus minimum*, com 133 textos. Como é que nenhum português fez isto antes?

Não sei se você notou, mas hoje estou indo de lembrança em lembrança, e a todo momento eu sou obrigado obviamente a usar o verbo lembrar. Mas mudarei um pouco, usarei um sinônimo. Você se recorda que me presenteou com o livro *A técnica do verso em português*? Na hora, eu achei que você estava querendo insinuar que eu deveria estudar com afinco os seus ensinamentos para talvez me tornar um aceitável poeta. Como não se recorda? No seu estudo, você fala de contagem silábica, de tipos de versos, das diferentes estrofes, das formas fixas e até da história do verso em Português. E o capítulo das rimas, hem, lá você apresenta

rimas compostas, quebradas, inversas, anagramáticas, homonímicas; estes tipos de rima não se encontram normalmente em gramáticas ou livros de versificação. Hoje em dia, muitos não gostam de rima, não gostam porque não conhecem a riqueza e a expressividade das rimas que você menciona em sua obra. Eu mesmo, depois que li seu livro, parei de rimar coração com solidão. Melhorei bastante, sim.

O quê? Você acha que estou fazendo muitas digressões e que estou me afastando do motivo da carta? E o Machado? A graça de sua narrativa estava nas digressões. Como? Falar em Machado é outra intempestiva digressão? Afinal, quem escreveu *Sobre Camões e Machado de Assis; Realismo e a expressão do tempo na ficção de Machado de Assis; Machado de Assis, o crítico literário*? Ora, deixe-me mostrar que também li Machado. Esta carta até que –pretensão minha - lembra em parte as *Memórias póstumas de Brás Cubas*, pois é escrita sem método e vai em ziguezague.

Para exemplificar, direi que no último ano do curso de Literatura Portuguesa na UERJ propusemos ao professor Leodegário a montagem da peça *A estátua* de Luís de Sttau Monteiro. Para tanto conseguimos um diretor profissional de teatro e a participação de Marcos Hill, filho de uma também professora de literatura, já que eu era o único homem, como seria de se prever, daquele grupo de estudo de uma faculdade de Letras. E os ensaios eram feitos no meu apartamento, porque, aos vinte e um anos, era o único que morava sozinho. Como eram tempos de censura e medo, a apresentação, apesar dos estudos do texto e de inúmeros ensaios, não foi feita, deixando em nós um gosto desagradável de frustração, típica de um período de arbitrariedade e violência. A peça que tratava da liberdade no regime salazarista poderia ter sido compreendida, por mero acaso ou coincidência, como alusão à falta de liberdade também aqui do outro lado do Atlântico. Não houve uma proibição da Universidade. Apenas o medo surgiu dentro do grupo e aconselharam (aconselharam é um sujeito indeterminado, como sabemos) que não fizéssemos a apresentação daquela peça portuguesa. Digo mais uma vez que eram originariamente cinco mulheres e um homem no grupo e que, por razões históricas, as mulheres tinham mais medo ou mais álibi para ter medo.

Aliás, Leo, deveriam recomendar que os homens não cursassem Letras, pois, em uma turma com 2 alunos e 38 alunas, como era a minha, você era obri-

gado a namorar as colegas. E para os professores era pior ainda. Imagine se um professor um dia encontrasse uma aluna que gostasse tanto da matéria a ponto de querer se casar com ele? O quê? Você conhece uma história parecida e com final feliz? Não acredito? Não foi isto que aprendi com o Augusto Abelaira, o autor de *Enseada Amena*; *Bolor e Boas intenções*, aquele escritor português que tanto analisava os relacionamentos entre homem e mulher. Ele era o meu romancista favorito e confesso que gostaria de ter assinado os seus livros, porque me identificava com as suas ideias e sua visão de mundo.

Mas não foi só o Augusto Abelaira, lemos também graças as suas aulas, só para ficar com alguns autores do século XX e citar de memória, as obras de Vergílio Ferreira, Fernando Namora, Fernanda Botelho, José Cardoso Pires, Almeida Faria, Fernando Pessoa, Mário de Sá-Carneiro, Herberto Helder, Melo e Castro, Fiamma Pais Brandão, Mário Cesariny e muitos outros.

Tive, graças a seu incentivo, o prazer de conhecer alguns destes escritores portugueses que vieram aqui para um congresso e, se não me engano, para a Bienal. Até hoje, como consequência de suas aulas, aprecio a literatura portuguesa e, em particular, a prosa do século XX. Claro que você não foi só um professor, mas talvez por ser um professor que era um estudioso, um crítico, um ensaísta, com atuações de relevância tanto em literatura quanto em língua, um ex-aluno vai provavelmente chamá-lo sempre de professor. E este tratamento, ao contrário do que a remuneração do magistério sugere, não é um tratamento menor, mas um elogio. É um sinal de que a relação afetiva entre professor e aluno prevaleceu, e desfez as distâncias que existem entre os ensaístas e críticos e os leitores, que não se conhecem.

Portanto, amigo Leo ou professor Leodegário, aproveito esta carta para em nome dos milhares de ex-alunos ter o privilégio de lhe fazer este agradecimento, o de nos ter aberto as portas para o convívio com as excelentes obras da literatura portuguesa. No lugar de citar os inúmeros prêmios, títulos, comendas, medalhas, etc, que você merecidamente recebeu, cito apenas o reconhecimento de um ex-aluno qualquer, sem maiores méritos, porque se até este tem razões para lhe agradecer o mundo literário ao qual teve acesso por suas mãos, imagine os motivos daqueles que, de fato, seguiram o exemplo do mestre, e se tornaram brilhantes

professores desta matéria, como é o caso de Marina Machado Rodrigues, entre outros, e que decerto darão continuidade à sua obra e, em especial, aos seus estudos camonianos, que infelizmente, ficaram incompletos, de acordo com o seu projeto inicial. Fique tranqüilo que certamente a Marina e professores igualmente capazes saberão levar adiante o seu trabalho, feito com tanto conhecimento e dedicação.

Uma última lembrança: quando no ano passado, aos 82 anos e já com problemas de saúde, você se dispôs a me ajudar com o entusiasmo de um jovem, confesso que me surpreendi. Não esperava tanto. Na ocasião, comentei o fato com a Júlia Fraga, também sua ex-aluna de Literatura Portuguesa da UERJ e ela me disse que não estava surpresa, porque é frequente professores tratarem alunos e ex-alunos como filhos e terem o hábito de lhes oferecer auxílio.

Eu, Marcus Vinicius Quiroga incondicionalmente. Acho que minha amiga Júlia não está totalmente enganada. Há muitos professores que assim o fazem, mas nem todos, nem todos. Talvez ela quisesse dizer que os leodegários se comportam deste modo e, por extensão, referiu-se à classe dos professores.

Não sei se você ainda está atento e reparou, mas no último parágrafo, usei a palavra leodegário como substantivo comum, é que, de agora em diante, com a permissão de Caldas Aulete, de Antonio Houaiss, de Aurélio Buarque de Holanda e de outros dicionaristas (ou até mesmo à revelia deles), farei uso do verbete leodegário, grafado com letra minúscula, porque se trata de um substantivo comum, masculino, que significa, em uma primeira acepção, dedicado, generoso, leal, amigo. Diz-se ainda do homem que pertence a esta espécie, a dos leodegários, que possui tais atributos e que, portanto, faz jus ao nosso melhor afeto e carinho.

Por ora, Leo, fique com o meu saudoso abraço .

Rio, 20 de abril de 2011

Marcus Vinicius Quiróga<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Marcus Vinicius Quiroga é Escritor e Poeta.

